



O PANÓPTICO ESCOLAR, OU O TEMPO DISCIPLINAR: ELEMENTOS PARA UMA MICROFÍSICA DAS RELAÇÕES FETICHISTAS EDUCACIONAIS

OLIVEIRA, Sergio Ricardo¹

RESUMO

O presente texto busca analisar certos elementos do pensamento foucaultiano, que concorriam para pensar-se uma "microfísica das relações fetichistas educacionais". Para tanto, pôs-se a reunir estes elementos a partir, principalmente, da obra *Vigiar e Punir* (1975), compreendendo-se o estudo no marco da emergência da "sociedade disciplinar" e que poderia estar em consonância com a produção temática das relações fetichistas modernas. Dentre os elementos desta busca para uma análise educacional estão o *tempo* e o *Esclarecimento*.

PALAVRAS-CHAVE: Tempo - Esclarecimento - Panóptico - Educação.

ABSTRACT

This study aims to analyze certain elements within the foucauldian view, which would concur in thinking of a 'microphysics of educational fetishist relations'. To this end, this study took those elements, especially found in *Discipline and Punish* (1975), typical of the emergence of the 'disciplinary society', and that could be in consonance with the making of modern fetishist relations. Amongst the elements of this investigation, with a views to offering this type of an educational analysis, are time and Enlightenment.

KEYWORDS: Time - Enlightenment - Panopticon - Education.

¹ Doutorando em Serviço Social. Professor Auxiliar da Universidade Candido Mendes. Email: serge.rk@gmail.com



APRESENTAÇÃO

Esboça-se, nas linhas que seguem, um estudo sobre educação e disciplinamento moderno, baseado na conjunção de uma parcela do material da obra de Michel Foucault (a que está devotada à "sociedade disciplinar" e sua constituição e funcionamento) com a *teoria da dissociação-valor*, teoria esta baseada em certa transformação do pensamento marxiano. Tal conjunção objetiva produzir aprofundamentos em pesquisas educacionais na temática da aqui chamada "microfísica das relações fetichistas educacionais". O material recolhido em Foucault foi principalmente retirado de *Vigiar e Punir* (1975), obra esta que chegou a ser considerada apêndice de *O Capital* (CHOAT, 2012). Contou-se com auxílio de alguns textos que caracterizem o *panoptismo*, para além da teorização do filósofo francês, sendo estes também cercanos à educação escolar.

De imediato, portanto, a relação, muitas vezes ignorada - ou maldita - que se estabelece entre Marx e Foucault será ligeiramente explicitada, e de onde se apontará o sentido e a intensidade da apropriação do pensamento foucaultiano, bem como do pensamento marxiano, realizada pela leitura da teoria da dissociação-valor.

O recorte temporal é sintomático do tipo de teorização que se busca a partir desta conjunção. No caso aqui analisado, terminou ganhando relevo certas descrições atinentes à realidade francesa (muitas vezes o ponto de partida do material foucaultiano) e inglesa, localizadas, primordialmente, no entrelugar dos séculos XVII, XVIII e XIX. Tal estudo buscou responder brevemente à problemática a partir de chaves estabelecidas na contextualização da emergência da escola de massas, explicitando-se a constituição do tempo esclarecido nas tramas do disciplinamento, também posto em nível massivo.

Na primeira seção buscou-se salientar os limites e as forças de convergência entre estes eixos teórico-categoriais, enquanto que no momento posterior, pretendeu-se apresentar uma ou outra problematização do tempo esclarecido em seu nascedouro, com vistas a uma crítica. A terceira seção versa sobre a educação escolar como um dos dispositivos centrais para a produção de sociabilidades afeitas à cultura da industrialização, para finalmente traçar algumas linhas de contato entre o *panoptismo* e a educação, objetivando-se com essa tarefa a de fomentar o interesse na constituição da microfísica das relações fetichistas educacionais².

PARA UMA MICROFÍSICA DAS RELAÇÕES FETICHISTAS

Aqui, a elaboração de uma análise da microfísica das relações fetichistas modernas guarda relação direta com a conceitualização do *fetichismo da mercadoria*³ em Marx; conceitualização esta que desafiou leituras clássicas daquela teoria, posto que cara à nova crítica do Esclarecimento e do "progresso": a teoria da dissociação⁴-valor.

Muitas análises produziram disparidades e um afastamento brutal entre Fou-

² O termo "microfísica das relações fetichistas" foi cunhado por Robert Kurz (1997), pensador central da teoria da dissociação-valor.

³ O conceito de 'fetichismo da mercadoria' marxiano pode ser brevemente caracterizado por relações entre pessoas que tomam a forma de relações entre coisas.

⁴ Trata-se da contribuição de Roswitha Scholz para a 'crítica do valor' [*Wertkritik*]. O conceito de *dissociação* agrega-se ao da *forma-valor*, para fazer jus à face "blindada" à lógica abarcadora e expansionista daquela forma. Em todo seu movimento inconsciente para abarcar todos os momentos das relações sociais, tal axioma formal não o consegue. As microvilosidades que fogem às maiores determinações da forma-valor incutem-se no chamado "trabalho-doméstico", na assistência, no "amor" e no *care*, de maneira geral. Estas microvilosidades, portanto, estão fora do escopo do 'trabalho abstrato'.



cault e Marx: 1) ora aquelas "que critica[m] Foucault de um ponto de vista marxista" (CHOAT, 2012, p. 185, tradução nossa); 2) ora as que "critica[m] Marx a partir de uma posição foucaultiana" (idem). Já outras propuseram convergências (BIDET, 2016; CHOAT, 2012; READ, 2003), muito embora o tema das relações fetichistas, atrelado ao problema da produção e reprodução de valor, não fosse posto de modo explícito.

Tanto Foucault quanto Kurz se dispuseram à ultrapassagem teórica e categorial da cultura do Esclarecimento, de outra forma, da modernidade. No entanto, é desde diferentes níveis e intensidades que esta ultrapassagem é objetivada. No caso de Foucault esta elaboração travou séries de tensões e esteve ao lado de precursores teóricos, como Nietzsche e Heidegger. Este entendeu as instituições, e uma em especial: o Estado, na problemática da *governamentalidade*⁵, e propôs o problema de como "desligar o elo entre o desenvolvimento das capacidades e a intensificação das relações de poder" (FOUCAULT, 1984, tradução nossa). "O dito e o não dito" estão encerrados na centralidade da sua noção de "dispositivo" (de "poder"), o qual, de outra forma, compreende a contextura dos mais variados mecanismos de dominação. A referida configuração subalternizadora está corporificada nas instituições e estratégias, nas práticas e nos discursos⁶.

A empresa kurzeana, por sua vez, estará voltada para uma transformação da crítica da economia política e vinculada a autores como Anselm Jappe, Roswitha Scholz, Moishe Postone, Gérard Briche,

⁵ A *governamentalidade* em Foucault tem seu nascedouro em fins do século XVI e é caracterizado por uma nova racionalidade de governo da população em geral. É nada mais que "o encontro entre as técnicas de dominação exercidas sobre os outros e as técnicas de si" (FOUCAULT, 2001, p. 1604).

⁶ A discursividade estaria, por sua vez, involucrada já na sua noção prévia de *episteme*.

Karl-Heinz Wedel, entre outros⁷. Alternativamente ao constructo foucaultiano das "produções de verdade" e de como o "poder" poderia se ver "deslocado" na trama da construção e reprodução de práticas e discursos - e que, por conseguinte, concorresse para a afirmação das "singularidades" descontínuas -, bem como tudo o que se poderia repercutir daí, Kurz prefere atentar para o problema da constituição histórica como "história das relações de fetiche", cujos momentos específicos abarcam a criação de uma individualidade [*Menschwerdung*], enquanto "uma relação [fetichista] do ser humano particular com uma dada forma social" (KURZ, 2010, p. 85).

A preocupação kurzeana volta-se, primordialmente, para a construção do solipsismo moderno, isto é, do "indivíduo abstrato", posto a fazer reverberar as potências imperativas da forma-societal-valor sobre o conteúdo, que engendra e é, simultaneamente, engendrado por aquela forma, uma vez que "sob o formato da individualidade abstrata, o absolutismo social da forma e a real existência sensível do indivíduo humano parecem coincidir imediatamente" (idem, p. 87).

O pensamento kantiano em sua filosofia linear da história, idólatra do abstracionismo espaço-temporal apriorístico, concorre para a caracterização mais acabada do solipsismo moderno, tendo-se em conta que "de costas viradas para o mundo sensível, a "liberdade" [em Immanuel Kant (1724 - 1804)] fundamenta-se no nada da forma pura" (WEDEL, s/a, p. 1). Kant é quem Kurz (2010) chamará de "demolidor de tudo", no seio da análise que gravita a "moderna socialização do valor que produziu a 'forma sujeito' em geral" (idem, p. 89); "o raciocínio kantiano não exhibe outra coisa senão a pura forma de reflexão do sujeito do valor, da cisão e

⁷ Entende-se que estes autores formam o que se cunhou *Nova Crítica do Valor* (NCV).



do Esclarecimento, e não a sua crítica justamente" (idem, p. 192). É onde o 'sujeito masculino' será dotado de voz ativa, demolidora e expansionista nesta demolição. A produção do patriarcado produtor e reprodutor de relações fetichistas modernas, pois, é uma criação imanente à do 'indivíduo abstrato'.

A formação destas relações fetichistas modernas, do ponto de vista da teoria da dissociação-valor, portanto, vai recolhendo para si, primordialmente, o processo teleológico, qual metafísico, do trabalho abstrato, o que redundará na expansão daquela visada do "progresso" e do Esclarecimento consoante a tonalidade evolucionista tanto renegada por Kurz. Para este descolamento analítico, Kurz lançará mão do conceito de *fetichismo da mercadoria*, com vistas à negação dos momentos evolucionistas, lineares e "esclarecidos", inclusive atinentes a certos momentos da teorização do próprio Marx. É neste sentido que a operação de deshistoricização decalcado teoricamente - em prol de uma 'teoria da ação' -, bem como uma movimentação teórica clássica da história serão, ambas, alvo de sua crítica (KURZ, 2006).

No entanto, apesar das pontuações atribuídas ao pensamento foucaultiano quanto ao não seguimento do estudo da "sociedade disciplinar" imbricado ao enraizamento extensivo da 'sociedade do valor', Kurz considera muito profícuos os materiais levantados, para fins daquele aprofundamento⁸, uma vez que reconhece o espaço a ser construído a partir das ideias-

⁸ Kurz dirá: "O conceito característico de "práticas" usado por Foucault, que conheceu diversas formulações nos diversos períodos de seu desenvolvimento [...], pode muito bem, em combinação com suas copiosas análises materiais sobre a história da constituição, da disciplinação e da interiorização da Modernidade, ser integrado numa teoria crítica da dissociação-valor; nesse sentido, fazendo uso de mais uma metáfora de Foucault, poder-se-ia falar de uma "microfísica" das relações fetichistas" (KURZ, 2007).

força de *práticas* e *dispositivos*. Esta relação, que pressupõe uma modulação daquelas noções foucaultianas reconhece, portanto, certa proximidade desta abrangência de efeitos àquela típica da operatividade das relações fetichistas. Tratando-se de produzir uma imersão teórico-categorial do pensamento foucaultiano - principalmente aquele devotado à constituição do disciplinamento moderno e das linhas gerais do que ele intercorta - na direção da teoria da dissociação-valor, o movimento aqui proposto será o de enviar esforços para uma breve elaboração de uma constituição sócio-temporal, com vistas à microfísica das relações fetichistas modernas no caso da educação escolar panóptica.

RAZÃO SANGRENTO DO TEMPO: CONSTITUIÇÃO MODERNO- DISCIPLINAR

Em Kant, a faculdade da 'sensibilidade' conecta-se ao universal e ao necessário (dita referente às formas *a priori*), posto antes de qualquer experiência. É precisamente a que toca as dimensões do espaço e do tempo. A partir do filósofo de Königsberg, a noção temporal pré-moderna - e especialmente a atinente à Antiga Grécia, que perfazia a circularidade orobórica, eterna, baseada nos movimentos planetários - devirá linha reta, uma caracterização que está ligada ao acontecimento em "tendência", apontando para um norte, e que jamais o alcança. Tal ponência de constituição consciencial do tempo recupera a experiência como sendo da ordem do mais abstrato. Ela agora está distante do ligamento filosófico antigo ao cosmo, à ação enquanto momento da harmonia cósmica repetível. No entanto, em Kant este apriorismo do tempo face à experiência está referenciado no universal "dado por si", de outra forma, no universal que simultaneamente se quer não-contingente e a-histórico.



Muito deste espírito kantiano face ao espaço-tempo afeito a uma *ontologia positiva* do "dado por si" foi problematizado pela NCV, como visto em Wedel (s/a), por exemplo. Esta ontologia positiva kantiana é bem distinta da ideia newtoniana de um relógio marcador natural, que se teria afixado a todos os corpos, independente dos encontros corporais experienciais.

Também, em Kant, uma posição formativa histórica e específica de um fenômeno social não faria sentido algum. As noções de *trabalho, Estado, dinheiro, sujeito "patriarcal"*, entre outros, vão encontrar suas "certidões de nascimento" no despontar do século XVI, apenas (KURZ, 2010), para a partir de poucos séculos mais tarde as mesmas noções encontrar-se fadadas ao encontro ilusório do "dado por si", isto é, da repetição baseada na ontologia positiva. Neste particular, também o movimento arquegenealógico de Foucault apenas virá a reconhecer a noção de *vida* tal como se conhece na modernidade apenas em fins do século XVIII. Esta esteve ligada à espécie de abstracionismo classificatório, também permitida pela invenção de tecnologias de saber científico como o microscópio.

A constituição moderno-disciplinar em *Vigiar e Punir* trata, analogamente, da constituição do sujeito moderno-disciplinar ("patriarcal"), isto é, daquele que vem internalizar o que antes se punha como violência externa, no desbordar do século XVII. Em outras palavras, a constituição da sociedade posta como celeiro do *auto-disciplinamento*, pós-doutrinária⁹: a sociedade do trabalho cristalizada, portanto (KURZ, 1997; JAPPE, 2015). O movimento concomitante à irrupção do disciplinamento é o do desaparecimento da *circulação*. Tal fenômeno lógico e histórico da constituição moderno-disciplinar passa pelo da circulação, estando este na qualidade de

⁹ Aqui, esta periodização "da doutrina ao disciplinamento" é feita segundo as pesquisas de ENGUITA (1989).

mera "manifestação de transição historicamente votada ao desaparecimento" (KURZ, 2014, p.141), mas que será suplantado pelo movimento automático do valor, "[...] o 'movimento em si mesmo' do capital já formado e que continua a desenvolver-se com base nos seus próprios fundamentos" (idem).

TRIPALIUM EDUCADOR

A educação formativa burguesa no período "doutrinário" (século XVII) exibiu, dentre outros, o conceito de educação lockeana do *gentleman*. Refere-se à educação da "distinção", oposta à conceitualização da educação para as classes em vias de proletarização. Tratou-se da configuração tendencialmente em bloco do protótipo do "material humano" (KURZ, 1997). Ao "material humano" em formação atribuiu-se a tutela externa da aparelhagem estatal, cuja argamassa ideológica mantinha-se largamente inscrita no seio da difusão substancial do cristianismo, mas sem deixar de propor e realizar as "maneiras de distinção", "virtude", "sabedoria", para além do "conhecimento", no caso das *gentry* - e que, por sua vez prostravam-se acima dos conteúdos escolares (MARKERT, 1994). Processando-se desta maneira a produção molecular da doutrina, baseada na educação religiosa, em direção à formação do "material humano" ocorreu-se "para a organização da experiência escolar de forma que gerasse nos jovens os hábitos, as formas de comportamento, as disposições e os traços de caráter mais adequados para a indústria" (ENGUITA, 1989, p. 114).

A 'lei do progresso' em sua ascensão (séculos XVIII e XIX) expressou, para além do organicismo alemão, do darwinismo, etc., o pensamento kantiano. A agregação destas ideias-força concorreram para a formatação do conhecimento científico 'iluminado' e crescentemente particionado, com vistas ao controle societal sem



precedentes. Marcava-se o tino de um idealismo que previa operadores de controle e disciplina para o cálculo generalizado de movimentos dos chamados "átomos sociais", que redundaram em experiência fetichista em larga escala. O resultado, esperado ou não, desse fenômeno intercorrente até nos gestos, preconizava o conhecimento arbóreo, designado para a produção de certezas monocromáticas, utilizando-se de dispositivos constritores de afectos de grosso calibre, como a 'escola universal' e sua educação corpórea despersonalizada, típica da racionalidade burocrática, voltada aos propósitos de uma pedagogia do treinamento e da especialização.

As escolas poderiam reluzir aquilo que Foucault chamou de "casas de certeza", alternativamente ao que apontou como "casa de segurança". Enquanto estas baseavam a sua arquitetura e funcionalidade espaço-temporal em grades, correntes e fechaduras de grandes proporções, aquelas exibiam "separações nítidas" e "aberturas bem distribuídas" (FOUCAULT, 2012, p. 192).

Os fenômenos da eficiência e da performance, simultâneos ao disciplinamento que se generalizava, ao passo que as instituições disciplinares foram se reproduzindo, realizaram um encontro corpóreo muito próximo ao do encarceramento militar para sua formação. Porém, antes da dinâmica da educação escolar conformar-se na diretriz da escolarização universal, os apelos à autoinstrução mantinham-se cerceados em uma casta profissional. Este apelo, como mostra Enguita (1989), perdeu em sua forma mais ou menos ampla no seio da artesanaria (arte-trabalho). O formato taylor-fordista de produção social engendrou um efeito acachapante no regime daquela escolarização, que se reproduzia expansivamente (ciência-trabalho) pelos pés daquele movimento automático.

EDUCAÇÃO PANÓPTICA, OU O TEMPO DISCIPLINAR

Foucault (2012), a certa altura, em uma clara associação com as ideias de Marx de *O Capital* - especialmente as constantes no *Livro I*, capítulo XIII -, é enfático ao relacionar diretamente a "acumulação de homens" com a "acumulação de capital" (idem, p. 208). A aceleração do capital guardaria covalência com a utilização extremamente racionalizada daquela acumulação múltipla de trabalho. Na processualidade daquela covalência compareceriam tanto a: 1) tecnologia mutante produtiva; 2) a divisão do trabalho; bem como 3) as técnicas de disciplinamento de corpos. Agora, a tecnologia produtiva corporificada na ciência-trabalho, estaria moldada conforme uma programática que de modo mais performático a imbricasse naquela tríade de ramos experienciais dinâmicos entre si. Não à toa, Kurz (1997), para caracterizar substantivamente a formação de "material humano" - já quanto a esta fase de cristalização crescente do autodisciplinamento -, recupera a descrição foucaultiana da emergência da "sociedade disciplinar", por sua vez, auxiliada pelos escritos de Jeremy Bentham (1748-1832), fundador-inspetor da estrutura panóptica.

"O que é o panóptico? O próprio Bentham diz que se trata de um princípio apropriado tanto para prisões quanto para fábricas, escritórios, hospitais, escolas, casernas, reformatórios etc. No aspecto arquitetônico, o panóptico consiste numa construção em círculo, em cujo centro se acha a cadeira (encoberta por cortinas) do "inspetor" e cuja periferia é destinada às celas, apartadas entre si, dos presos ou dos alunos. Muitos cárceres e "casas de trabalho" do século 19 foram construídos segundo esse modelo. O refinado objetivo da disposição é fazer com que os presos se sintam permanentemente observados e controlados, sem saberem



se a cadeira do "inspetor" está realmente ocupada. Os detentos devem "a partir de si próprios", **de modo progressivo e automático**, comportar-se como se fossem observados, mesmo que este não seja o caso" (idem, p. 3, grifo nosso).

O dispositivo panóptico "automatiza e desindividualiza o poder" (FOUCAULT, 2012, p. 191) trata-se de uma relação automática que percorre a programática do "dispositivo", e que, para dado nível de despersonalização "pouco importa, consequentemente, quem exerce o poder" (idem, p. 192)¹⁰. Na mesma trilha conceitual, em *Microfísica do poder*, Foucault (2014) sustentará que o "poder" não pode ser detido, mas apenas exercido. Esta expressão funcional relativa às relações fetichistas modernas encontra-se similarmente nos *Grundrisse* de Marx, quando discorre sobre todos os agentes como "funcionários" do capital. Tal asserção, contudo, não elimina as contradições que se possam averiguar entre os "funcionários". Alternativamente, pois, pode-se com ela apontar a funcionalidade destas contradições internas à operação do dispositivo panóptico.

Bentham, ao elaborar esta arquitetura zoológica na forma de cartas em *O Panóptico* (1787) - ou a *casa de inspeção* produtora da disciplina em processo plenamente "visível" e "inverificável" -, estava, na verdade elaborando uma nova física social, utilitarista; uma que, ainda que de forma inconsciente, encontrasse meios imperativos para a consecução do movimento mecanizado esclarecido, isto é, produzisse a manutenção expressiva do

¹⁰ Nas palavras de Foucault (2012): "o esquema panóptico é um intensificador para qualquer aparelho de poder: assegura sua economia (em material, em pessoal, em tempo); assegura sua eficácia por seu caráter preventivo, seu funcionamento contínuo e seus **mecanismos automáticos**" (idem, p. 195, grifos nossos).

"sujeito automático" (Marx). Esta nova física social se distancia da física social pré-moderna na medida em que não são as "relações de soberania" o movimento sustentacular da sociedade do trabalho, mas as relações de fetiche sustentadas pelo autodisciplinamento generalizado do trabalho abstrato - isto é, do tempo necessário, como em Marx - e de suas repercussões sociais¹¹.

Na Carta XIII intitulada *Meios de extrair trabalho*, Bentham (2008) discorre sobre a cultura disciplinar típica desta sociedade emergente e algumas de suas mediações, a partir do imperativo moralizante, transcendental sobre o "homem".

"Se um homem não trabalhar, ele não tem nada a fazer, da manhã à noite, a não ser comer seu duro pão e tomar sua água, sem uma alma com quem falar. Se ele trabalhar, seu tempo será ocupado, e ele terá sua carne e sua cerveja, ou seja, lá o que mais seus ganhos lhe permitirem, e ele não fará um gesto sem conseguir alguma coisa, a qual ele não obteria de outra forma. Este estímulo é necessário para que ele dê o máximo de si, mas mais do que isso não é necessário. É necessário que todo esforço que ele faça tenha sua recompensa; mas não é necessário que essa recompensa seja tão grande, ou quase tão grande, quanto a que ele teria se trabalhasse em outro local" (BENTHAM, 2008, p. 53).

A caracterização foucaultiana do panóptico como "jaula cruel e sábia" (FOUCAULT, 2012, p. 194) expressa um modelo programático aplicável para a extração de um máximo de disciplinamento e performance no conjunto das relações de

¹¹ Isso não quer dizer que a escola seja necessária e diretamente produtiva, segundo este conceito marxiano. Porém, ela poderia ser comparada a uma 'fábrica de salsichas' na medida em que poderia produzir mais-valor diretamente.



fetichismo modernas: "é o diagrama de um mecanismo de poder levado à sua forma ideal" (idem). Ela, em sua análise "microfísica" reverbera e é reverberada dentre as mais variadas "microfísicas" outras, abrangendo a temporalidade cotidiana em virtualmente todos os níveis, o que em um sistema de pensamento similar compararia em Max Weber na forma de sua "jaula de aço"¹². A eficácia e a performance nada adstringentes ao autodisciplinamento concorrem para além do sistema da quarentena, com vistas ao confinamento de leprosos em uma masmorra, bem como ultrapassa o modelo de "cidade pestilenta", a qual previa o direito de disciplinar o outro, produzindo mormente dilaceração e redução energética. O panóptico tem o papel notório de *amplificação*: "o que importa é tornar mais fortes as forças sociais: põe-se a "aumentar a produção"; "desenvolver a economia"; "espalhar a instrução"; "elevar o nível da moral pública"; "fazer crescer e multiplicar" (FOUCAULT, 2012, p. 197).

Na física benthamiana, a generalização das instituições disciplinares e, por conseguinte, das relações de fetichismo modernas, promove em 3 níveis: 1) "a inversão funcional das disciplinas" (idem, p. 198-199), que propõe a supramencionada *amplificação*, que expressa a docilização corpórea, oposta à dilaceração energética; 2) "a ramificação dos mecanismos disciplinares" (ibidem, p. 199), que, para além da docilização dos alunos, deve alcançar a vigilância dos pais por estes; 3) "a estatização dos mecanismos de disciplina" (ibidem, p. 201), permitindo a pavimentação social-disciplinar baseada na polícia, tam-

¹² A teoria da dissociação-valor é enfática nos termos da amplitude das relações de fetichismo modernas, e nisto se vale de uma leitura crítica de um "economicismo" enquanto base social. É, portanto, o ser social, na amplitude de suas relações corporais, simbólicas etc. - portanto políticas, culturais, socioeconômicas -, que tem produzido e reproduzido o autodisciplinamento no "espaço social" (Bourdieu).

bém disciplinada.

Como, então, esta pedagogia social despersonalizada expressava-se na experiência do tempo linear e evolutivo - de outra forma, do "progresso" -, por meio da nova programática escolar? Na escola dos Gobelins, vinculada à sua fábrica criada em 1667, os aprendizes, em um regime de docilização de corpos, incorporam a tecnologia do "dispositivo" como:

"uma nova técnica para a apropriação das existências singulares; para reger as relações do tempo, dos corpos e das forças; para realizar uma acumulação da duração; e para inverter em lucro ou em utilidade sempre aumentados o movimento do tempo que passa. Como capitalizar o tempo dos indivíduos, acumulá-lo em cada um deles, em seus corpos, em suas forças ou capacidades, e de uma maneira que seja suscetível de utilização e de controle? Como organizar durações rentáveis? As disciplinas, que analisam o espaço, que decompõem e recompõem as atividades, devem ser também compreendidas como aparelhos para adicionar e capitalizar o tempo" (ibidem, p. 151-152).

A consecução tecnológica do "dispositivo" prevê: 1) a "divisão [da] duração em segmentos, sucessivos ou paralelos, dos quais cada um deve chegar a um termo específico" (ibidem, p. 152); 2) a organização destas "sequências segundo um esquema analítico - sucessão de elementos tão simples quanto possível, combinando-se segundo uma complexidade crescente" (ibidem); 3) a finalização "destes segmentos temporais" (ibidem) por meio de uma prova e; 4) o estabelecimento "de séries de séries [...] de maneira que cada indivíduo se encontra preso numa série temporal, que define especificamente seu nível ou sua categoria" (ibidem, p. 153).

Esta hierarquização minuciosa dos



tempos e tarefas a eles relacionados forma, então, uma grade disciplinar da prática pedagógica, que aponta linearmente para os estágios a serem alcançados, de maneira que "uma macro e uma microfísica do poder permitiram, não certamente a invenção da história [...], mas a integração de uma dimensão temporal, unitária, cumulativa no exercício dos controles e na prática das dominações" (FOUCAULT, 2012, p. 154-155).

Mais pormenores sobre a inspeção escolar são tratados por Bentham (2008) na Carta XXI, totalmente endereçada a esta instituição. O tempo designado para o ensino e a aprendizagem se bifurcaria em duas dimensões: "às horas de estudo" ou até "todo o ciclo diário" (idem, p. 74). Demonstra-se, aqui, a magnitude disciplinar que cabe à formação de "material humano" a partir da experiência escolar; esta, por sua vez, formatada a partir do gerenciamento de tempo um tanto distinta daquela conceitualizada por Locke, por exemplo, e ainda mais distante da educação escolar no medievo: Na prática escolar "[...] o hábito, não mais interrompido por acidente, libertará a presença do mestre de seus terrores sem privá-la de sua utilidade. E, com o tempo atribuído ao estudo sendo fiel e rigidamente aplicado a essa finalidade, menos tempo dele será necessário" (ibidem, p. 75).

A cationização¹³ temporal do indivíduo abstrato apresenta-se, na microfísica das relações fetichistas educacionais, sob as formas de *vigilância hierárquica* e *san-*

ção normalizadora (isto é, na forma apresentada na seção III, capítulo II de *Vigiar e Punir*), que viriam a ser coroadas pela *avaliação formal* na escola. Ela pressupõe o funcionamento ótimo do mecanismo da abstração real, o qual se retroalimenta a partir da majoração de tempo, energia e forças que é capaz de extrair do aluno para que este funcione como vetor difusor da internalização experiencial da linha reta, bem como esteja a postos para submeter-se àquele mecanismo de objetivação, e que, inclusive, o permita manter seu papel enquanto aquele vetor. A cationização do indivíduo abstrato está ligada ao autodisciplinamento intensivo e constante sobre a formatação substantiva de si como "material humano" e recebe seus primeiros estímulos mais vívidos no despontar da fase liberal clássica para a industrialização e o industrialismo novecentistas.

Por trás da noção da cationização temporal reside a dinamicidade posta para o indivíduo abstrato de forma que no multiverso das relações sociais a acumulação de riqueza abstrata esteja satisfeita em uma projeção linear de rampa ascendente, sem fim. Porém, este processo não se reduz à preparação para a performance produtora do valor em si (preparação para o trabalho), iniciada como trama intelectual na aparelhagem escolar; também concorre para a assimilação de códigos culturais disciplinares que produzam o campo fértil para a submissão panopticista social, operada naquela performance. Os mecanismos escolares baseados na vigilância hierárquica e na sanção normalizadora, portanto, encontram-se circunscritos no panoptismo social como mecanismos - frente a vários outros, que se apresentam na qualidade de outras microfísicas, como visto - de indução e permanência na temporalidade linear kantiana¹⁴.

¹³ O termo metafórico da "cationização" pressupõe a objetificação social, a coisificação, o fetichismo moderno. Etimologicamente, proveniente da área da química, apresenta-se o "cátion", um átomo que se tornou um "íon positivo" pela perda de elemento(s) eletrônico(s) em suas camadas. A imagem da *positivação* concorre para a ideia da *adequação*, portanto, da normalização às relações fetichistas modernas, que afinal são relações entre pessoas que tomam a forma de relação entre coisas (Marx), ou se se desejar, entre "átomos sociais"; ou entre "cátions sociais".

¹⁴ A temporalidade linear kantiana, portanto, abarca as dimensões culturais, políticas e socioeconômicas nas relações sociais. Trata-se, pois, de uma caracte-



Caracterizando-se a *escola-de-inspeção* se poderiam encontrar noções sólidas da pedagogia, em uma visada imediata das relações em seu interior: "seria um raro campo de descoberta para a *metafísica*, uma ciência que, agora, pela primeira vez, poderá ser submetida à prova do experimento, como qualquer outra" (BENTHAM, 2008, p. 80). Na esteira da criação daquela ciência, a organização do trabalho pedagógico concorre para promover a adequação generalizada dos corpos, inscritos em um organismo maior, exercidos por agentes normalizadores. A produção do *normal* em Foucault possibilitou a passagem dos "mecanismos histórico-rituais" para os "mecanismos científico-disciplinares" (FOUCAULT, 2012, p. 185); é quando as "ciências do homem" eclodem, e com elas a maneira da diferenciação permitida por atos examinatórios permanentes.

O aluno é sistematicamente vigiado pelo professor, bem como pelos colegas, especialistas da educação, pais, etc., e primordialmente, por si mesmo. Tal rede de vigilância aponta para o castigo como "reductor de desvios" (idem, p. 173) em um regime automatizante de competitividade coligado à diferenciação normalizadora e (auto-)regulativa. O castigo na escola põe-se como exercício para a *produção linear* de experiências. Esta tecnologia fetichista ressalta as "boas e más notas" nas que se apreendem em um bojo numérico que permita a "comparação", a "diferenciação", a "hierarquização", a "homogeneização" e a "exclusão" (ibidem, p. 176). Aqueles que alcançam o nível ótimo da cationização são considerados bons alunos (indivíduos), e poderiam estar aptos para a próxima segmentação temporal escolar. Os recalitrantes ou os que, porventura, não se encontrem neste nível de aceitação seriam elegíveis para a humilha-

rização das próprias relações fetichistas modernas, como visto nas seções anteriores constantes neste artigo.

ção e ao rebaixamento previstos na repartição classificatória. Uma vez que o castigo não funciona para uma terminal dilaceração energética, mas como exercício para a majoração de forças do regime linear abstrato, tal grupo apontado como a "classe vergonhosa" tenderá a desaparecer (ibidem, p. 175).

Seu nível de pertencimento alcançado no patamar da produção linear de experiências (auto-)regulativas comparece na demanda de produção escrita (documental); transveste-se em controle do *input* passado e "potencial" e está corporificado nas pautas de frequência, boletins, provas, históricos escolares, avaliações institucionais, diretrizes, códigos etc. O *corpus* burocrático constante na tecnologia disciplinar pedagógica demonstra o poderio impessoal no interior das tramas escolares. O preenchimento ou observância de tais documentos registram, em algum nível, certa anatomia do funcionamento homogeneizador das capacidades (intelectuais, físicas, emocionais, estéticas), formando-se a "formalização do individual" (ibidem, p. 181), prenhe de um maquinismo irrepreensível.

A inspeção panoptísta prevê a participação regulativa não somente daqueles que perfazem o entorno do aluno, mas dos que estão encarregados dos resultados atinentes à produção linear no interior da sala. Primeiro, interpõe-se a comunidade educacional imediata: a turma; em outro momento organizacional, os inspetores; pedagogos; supervisores educacionais; diretores; burocratas vinculados às unidades secretariais e ministeriais da educação escolar. A rede, em sua inteireza pode ser acionada a qualquer momento, a fim de que se deem explicações, tomem atitudes, produzam resultados, vivam em cada *métier* os bastantes "funcionários" do maquinismo educacional.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *avaliação* bem ao modo benthamiano do termo, enquanto mensuração dos resultados dados por gestos, comportamentos e performance, concorre para o tipo utilitário de homem que se entende ser o *homo oeconomicus*. Este está convidado (e o convite é menos suntuoso que sistemático) a perguntar-se o "para que serve" à moda de um cálculo exorbitante sobre o uso de seu corpo como "material humano" (KURZ, 1997), o mais eficiente e acumulador. A microfísica das relações fetichistas educacionais mostrou-se, ao menos na expressividade de seu nascedouro, o talento apreendido pela lógica da *penalização* e da *recompensa*, amparada pela tecnologia burocrática dos papéis, - muitas vezes lembrando o universo kafkiano da loucura burocrática incorpórea - tão cara ao controle benthamiano. A *governamentalidade* em Foucault não é mais que o Estado administrativo típico do nascedouro da economia política a ser largamente espalhado como uma das faces reinantes da cultura esclarecida. Os "dispositivos" e "práticas" em Foucault, muito expressam a teoria penal benthamiana, a qual povoa o espaço-temporal da escola, na medida em que busca a concretude da transformação do aluno ou do professor em "caso"; "caso" de acompanhamento de controle a distância, por meio de documentos e diretrizes. Tais "dispositivos" trazem consigo o automatismo típico desta relação impessoal marcada já antes da matrícula, e constante no desejo e na política efetiva de obrigatoriedade do ensino. A sociedade disciplinar foi "ensinada" a desejar a replicação universalizante destes dispositivos sem atentar para o tipo de torção cultural que uma docilização de corpos deste tipo prevê.

Foi dito que o mestre panóptico (ocupante do local de visão privilegiada a partir da torre que torna sua presença inverificável), ao ser posto de forma indiferente - pois não importa quem o exerce

- para este acompanhamento de controle a distância, vive a lógica panopticista na qualidade de "funcionário" do poder invisível e despersonalizado (burocrático), e que exhibe ares tecnológicos de generalização sócio-temporal. Trata-se, portanto, de um poder panopticista social total. A sociedade do trabalho é, assim, a sociedade panopticista total, ou se se deseja: a sociedade da forma-valor; "sociedade disciplinar", portanto. As práticas de vivência do tempo estão ligadas a um mundo que busca extrair a eficiência e a majoração energética para dar seguimento ao tipo de "acumulação de homens" - na verdade a acumulação de um certo tipo de "homem" - coligada à "acumulação de capital", como apontou Foucault.

A certa altura, e talvez, especificamente neste particular, refletindo relativamente o que poderia ser o posicionamento da teoria da dissociação-valor frente à cultura panopticista, aquele filósofo de Poitiers diz:

"Talvez o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos. Temos que imaginar e construir o que poderíamos ser para nos livrarmos deste 'duplo constrangimento' político, que é a simultânea individualização e totalização própria às estruturas do poder moderno. A conclusão seria que o problema político, ético, social e filosófico de nossos dias não consiste em tentar liberar o indivíduo do Estado, nem das instituições do Estado, porém, nos liberarmos tanto do Estado quanto do tipo de individualização que a ele se liga. Temos que promover novas formas de subjetividade através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposto há vários séculos" (FOUCAULT, 1995, p. 239).



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTHAM, Jeremy. *O panóptico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BIDET, Jacques. *Foucault with Marx*. London: Zed Books, 2016

CHOAT, Simon. *Marx through post-structuralism: Lyotard, Derrida, Foucault, Deleuze*. London/New York: Continuum, 2012.

ENGUITA, Mariano. *A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FOUCAULT, Michel. *What is Enlightenment?*. In: *The Foucault Reader*, Paul Rabinow (ed.). New York: Pantheon Books, 1984.

_____. *O sujeito e o poder*. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault – uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. *Dits et écrits*. Vol. II: 1976-1988. Paris: Gallimard, 2001.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 40. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz & Terra, 2014.

JAPPE, Anselm. *Narcissisme et fétichisme de la marchandise: quelques remarques à partir de Descartes, Kant et Marx*. *Revue Rue Descartes*, nº85-86, 2015. Disponível em <<http://www.palim-psao.fr/2015/12/narcissisme-et-fetichisme-de-la-marchandise-quelques-remarques-a-partir-de-descartes-kant-et-marx-par-anselm-jappe.html>> Acesso em 20 de junho de 2016.

KURZ, Robert. *A máquina da auto-responsabilidade: para a história da ideologia liberal*. Folha de São Paulo em 08/06/1997 com o título *A gênese do absolutismo de mercado*; tradução de José Marcos Macedo. Disponível em

<<http://obeco.planetaclix.pt/rkurz48.htm>> Acesso em 20 de junho de 2016.

_____. *A história como aporia: teses preliminares para a discussão em torno da historicidade das relações de fetiche (1a. série)*. [EXIT!, 04.09.2006] Disponível em <<http://www.obeco-online.org/rkurz242.htm>>. Acesso em 20 de junho de 2016.

_____. *Cinzenta é a árvore dourada da vida e verde é a teoria: o problema da práxis como 'evergreen' de uma crítica truncada do capitalismo e a história das esquerdas*. [EXIT! Crise e Crítica da Sociedade das Mercadorias, 4/2007]. Disponível em <<http://www.obeco-online.org/rkurz288.htm>> Acesso em 20 de junho de 2016.

_____. *Razão sangrenta: ensaios sobre a crítica emancipatória da modernidade capitalista e de seus valores ocidentais*. São Paulo: Hedra, 2010.

_____. *Dinheiro sem valor: linhas gerais para uma transformação de crítica da economia política*. Lisboa: Antígona, 2014.

MARKERT, Werner. *Teorias de educação do Iluminismo, conceitos de trabalho e do sujeito*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

READ, Jason. *The micro-politics of Capital: Marx and the pre-history of the present*. New York: State University of New York Press, 2003.

WEDEL, Karl-Heinz. *A descida do eu aos infernos: da forma de morte da vontade destituída de sentido em Kant*. Tradução de Lumir Nahodil. Krisis (em português), s/a. Disponível em <<http://grupokrisis2003.blogspot.com.br/2009/06/karl-heinz-wedel.html>> Acesso em 20 de junho de 2016.

Recebido em: 30/05/2016

Aceito em: 20/06/2016